

Editorial

António Costa Pinto

Este conjunto de artigos da revista *Locus*, fruto do colóquio *Os extremismos políticos de direita: entre a tradição e a renovação* realizado nos dias 29 e 30 de novembro de 2011 no ICS-UL, reflecte bem a mudança de perspectivas de análise sobre o fascismo e os movimentos e ideologias políticas de extrema direita de uma nova geração de historiadores. Por um lado, a perspectiva comparada consolida-se com modelo dominante, por outro, a perspectiva cronológica alargou-se o espectro de análise também. O fascismo vai assim sendo integrado com variante do pensamento e da acção política da direita autoritária do século XX.

No primeiro artigo, Fabio Chang compara a nova extrema direita em Portugal e na Argentina, utilizando a *perspective conceptual* do historiador britânico Roger Griffin, um dos grandes inovadores recentes da historiografia sobre o fascismo.

Segue-se um artigo de Leandro Pereira Gonçalves sobre o impacto na obra e acção de Plínio Salgado, do Integralismo Lusitano, dos católicos portugueses, e do próprio Estado Novo de Salazar. Particularmente importante na sua carreira política após a segunda Guerra mundial, quando regressar ao Brasil, após um breve exílio em Portugal. Este tema da origens e influências ideológicas também está presente no artigo de Paulo Archer sobre o Intergralismo Lusitano, muito marcado pela Action Française, e na contribuição de Nuno Simão Ferreira sobre Alberto de Monsaraz, um dos seus mais marcantes dirigentes.

Nos artigos de Gilberto Callil e de Odilon Caldeira Neto sobre o neointegralismo no Brasil, e de Riccardo Marchi sobre a Extrema Direita portuguesa, estão presentes os grandes dilemas de legitimação e construção da filiação dos grupos de extrema direita contemporânea: como se referenciar em relação ao passado fascista e às suas figuras mais importantes. Após 1945 Plínio Salgado recuperou o conceito de “democracia orgânica” e cristã como demarcação do “totalitarismo”, o que não deixou de ser um legado complexo para os grupos neointegralistas da transição democráticas. No caso da democracia portuguesa, a natureza de ruptura da transição e o trauma da descolonização foram factores importantes para explicar a fraqueza da extrema direita.

O imperialismo expansionista foi uma das características do Nacional Socialismo alemão e do Fascismo italiano, mas o papel relativo

das colónias na ideologia e prática do Salazarismo e do fascismo italiano apresentaram diferenças significativas, como demonstra Piero Tessadori no seu artigo. O mesmo se poderia dizer das relações entre a Igreja Católica e estes dois regimes. No caso do Estado Novo de Salazar, o catolicismo conservador foi uma fonte de inspiração da Ditadura, reforçado pelo catolicismo do Ditador Oliveira Salazar, mas, como salienta Maria Inácia Rezola, no seu artigo, não podemos reduzir o Estado Novo português a um “Nacional Catolicismo”. Na sua longa duração, como bem sublinha Duncan Simpson na sua contribuição, existiram naturalmente algumas tensões, sobretudo a partir dos anos 60, com o desenvolvimento da Guerra colonial.

Entre fascismo histórico e extrema direita contemporânea os temas de polarização ideológica e de construção de novas identidades políticas vão variando e a “questão islâmica” constitui um exemplo desta dinâmica contextual. José Pedro Zúquete, autor de vários trabalhos sobre o populismo e a direita radical europeia, aborda este tema no seu artigo analítico e prospectivo.

Comparação, alargamento da escala diacrónica e contextual marcam assim este conjunto de artigos, representativos de uma inovação historiográfica sobre o tema do fascismo e da extrema direita na época contemporânea.